

REFLEXÕES SOBRE A SEGURANÇA EUROPEIA

1. Com o desenvolvimento das ciências, o nosso planeta torna-se mais pequeno. Em consequência, a segurança de uma região está estreitamente ligada à das outras regiões. A tensão e as alterações bruscas que caracterizam a situação internacional fazem com que actualmente seja difícil encontrar um oásis tranquilo no mundo. Isto é tanto mais verdadeiro quanto o hegemonismo prossegue com obstinação a aplicação da sua estratégia planetária visando a hegemonia mundial.

A Europa permanece o ponto-chave estratégico na rivalidade das duas superpotências. Isso resulta da posição que a Europa ocupa na carta planetária. Quem diz hegemonia diz controle da Europa. A segurança desta é, pois, inseparável da paz mundial.

A União Soviética esforça-se, por mil e um meios, em manter e reforçar a sua supremacia militar na Europa, sobretudo a supremacia nuclear. Ela procura assim aumentar a pressão militar sobre a Europa Ocidental, e entregando-se à chantagem política, dividir a Europa dos Estados Unidos da América e, por fim, constrangir a Europa Ocidental a entrar pouco a pouco na via da «neutralização». Mas uma outra consideração muito importante por parte da União Soviética é que só uma consolidação suficientemente ameaçadora para o Ocidente da sua supremacia militar nesta região-chave lhe permitirá entregar-se livremente à agressão e à expansão nas regiões vizinhas da Europa ou noutras regiões do mundo sem que o Ocidente possa reagir vivamente. Com efeito, nestes últimos anos, a União Soviética intensificou os esforços para levar a cabo o cerco estratégico da Europa Ocidental pelos flancos e controlar as fontes energéticas, as regiões produtoras de matérias-primas e as vias de comunicação marítimas estratégicas de que depende a sobrevivência da Europa Ocidental, a fim de a deixar incapaz de resistir, e desse modo, levar a bom termo a sua estratégia de «vencer sem recorrer à guerra». Evidentemente que a segurança da Europa depende cada vez menos do que se passa na zona da NATO, está antes condicionada pelo modo como são enfrentadas as crises que atingem as regiões fora da Europa. Quaisquer que sejam os juízos que os países da Europa Ocidental tenham feito sobre a intervenção soviética no

Afeganistão na altura em que se verificou a opinião geral actual é a de que o caso afegão modificou gravemente a situação estratégica na Europa, de que a expansão soviética ameaça mais as regiões que são vitais para o Ocidente e de que a Europa Ocidental não pode ser uma «ilha de desanuviamento».

Consequentemente, a questão da segurança da Europa só pode ser analisada e tratada correctamente quando for vista a partir de uma óptica estratégica planetária, e não sob o ângulo da situação neste ou naquele país, nesta ou naquela região. Só assim se poderá adoptar uma política justa e tomar medidas enérgicas que sigam verdadeiramente no sentido do interesse da segurança europeia. Se não, arriscamo-nos a ficar reduzidos à passividade perante o avanço do hegemonismo e mesmo a sofrer derrotas.

2. Depois do período de desanuviamento dos anos '70 a posição estratégica da Europa deteriorou-se em vez de melhorar. A Europa Ocidental confia, desde os finais dos anos '60, na fórmula «defesa mais desanuviamento igual a segurança». A protecção militar americana e o desanuviamento Leste-Oeste constituíam dois pilares da segurança europeia. No entanto, nos últimos dez anos, a União Soviética, aproveitando-se do «desanuviamento», aumentou enormemente o seu poderio militar e as relações de força entre a União Soviética e a América modificaram-se em detrimento desta. Quebrado «o equilíbrio dos desequilíbrios», a União Soviética alcançou a superioridade na Europa de tal forma que se alargou o buraco no guarda-chuva de protecção americano, a desconfiança da Europa Ocidental face aos Estados Unidos acentuou-se e, finalmente, o sistema de segurança da Europa Ocidental baseado na protecção militar americana afundou-se na crise.

A invasão soviética do Afeganistão marca o fim do período de desanuviamento. As relações Europa-União Soviética estão condicionadas pelas relações Leste-Oeste como pelas relações entre a América e a União Soviética. Dadas as circunstâncias de deterioração nas relações Leste-Oeste e do agravamento da confrontação americano-soviética, a tentativa dos países europeus ocidentais de salvar o desanuviamento tem poucas hipóteses de sucesso. O espectro de intervenção estrangeira na Polónia torna ainda menos estáveis as relações Leste-Oeste. Numa palavra, no limiar dos anos '80 ambos os pilares da segurança europeia encontram-se abalados.

Convém insistir no facto de que tendo a União Soviética intensificado a expansão e infiltração nas regiões vizinhas da Europa, desde meados dos anos '70, a fraqueza estratégica da Europa Ocidental — a dependência energética do exterior — tornou-se patente. Mais do que nunca, a Europa Ocidental encontra-se vulnerável no plano estratégico.

3. Melhorar a posição estratégica da Europa Ocidental e preservar a sua segurança, eis uma questão urgente que se põe com

toda a acuidade aos diferentes países desta região. Muitos são os que indicam que o mais urgente é reforçar a capacidade de defesa e restabelecer o equilíbrio militar na Europa. Outros preconizam uma cooperação económica e política e até militar entre os países da Europa Ocidental. Ambas as afirmações têm naturalmente os seus fundamentos. Não gostaria de me prolongar sobre esse assunto dado que os próprios europeus já disseram o suficiente. Permitam-me apenas salientar o seguinte: o destino da Europa não depende unicamente dela própria. A sua segurança depende em larga medida do modo como ela orienta as relações com os outros países e regiões.

No que respeita às relações transatlânticas, a Europa e a América, cuja situação estratégica, e cujos poderios e interesses políticos e económicos são distintos, divergem em importantes problemas internacionais, incluindo a política e a tática a adoptar para fazer frente à União Soviética. Eis factos indesmentíveis. No entanto, a Europa e a América são interdependentes, não podendo uma existir sem a outra. Eis ainda factos incontestáveis. A Europa e a América têm os mesmos interesses nos esforços para contrariar a ameaça e a expansão soviéticas. Os Estados Unidos da América, cujo poderio enfraqueceu relativamente, já não estão em condições de enfrentar sozinhos a URSS e precisam do apoio estratégico da Europa Ocidental, enquanto esta continua a precisar de contar militarmente com a protecção americana dado que, no futuro próximo, não poderá dispor de uma força autónoma. Além disso, a Europa Ocidental tem que pedir o apoio e a cooperação dos Estados Unidos para pôr termo à descida da URSS para o sul e para assegurar a segurança nas regiões vizinhas.

Dá a afirmação segundo a qual o unir-se para contrariar a União Soviética continua a ser o aspecto dominante nas relações americano-europeias. Mas, como sublinharam numerosas personalidades europeias, é urgente resolver desde já dois problemas de carácter fundamental: primeiro, estabelecer relações de parceiros verdadeiramente iguais entre a Europa e a América para se adaptarem às novas relações de força euro-americanas e ainda às realidades da multipolarização; segundo, definir uma estratégia coerente e planetária para responder às ameaças soviéticas que, também elas, são planetárias.

As relações com o Terceiro Mundo são um outro problema da maior importância para a segurança da Europa Ocidental. É normal que os países da Europa Ocidental considerem o desanuviamento nas relações Norte-Sul e o desenvolvimento das suas relações com o Terceiro Mundo como um meio importante que permita melhorar a sua própria situação. Com efeito, as relações Norte-Sul não se reduzem apenas a um problema económico, trata-se antes de um importante problema político do qual dependem a paz e a estabilidade no mundo. A tensão nas relações Norte-Sul, a deterioração da situa-

ção económica nos países do Terceiro Mundo e as perturbações políticas que daí resultariam, oferecem outras tantas ocasiões que o hegemonismo poderia aproveitar. É por esta razão que compete, em primeiro lugar, aos principais países desenvolvidos, tendo em conta o conjunto dos interesses estratégicos e conjugando a política e a economia, adoptar uma atitude positiva e construtiva que contribua para sanar as relações Norte-Sul.

Na luta contra a agressão e a expansão soviéticas, a Europa e o Terceiro Mundo estão ligados pelos mesmos interesses. Citemos como exemplo os problemas afegão e cambojano. A intervenção militar soviética no Afeganistão e a agressão vietnamita contra o Cambodja perpetrada com o apoio da União Soviética são componentes importantes do dispositivo estratégico planetário da URSS. Trata-se de um grave problema que diz respeito à situação de conjunto do mundo e de modo algum de casos isolados de carácter local. Se as primeiras vítimas são os países do Terceiro Mundo situados na via da expansão do hegemonismo para o Sul, os outros países, incluindo os da Europa Ocidental, encontram-se também confrontados com ameaças mortais. Consequentemente, apoiar os povos em luta contra a agressão e estancar a expansão soviética no Terceiro Mundo, é, para a Europa Ocidental, salvaguardar a sua própria segurança.

A evolução da situação nos pontos quentes do Terceiro Mundo suscita uma viva inquietação. Os Estados Unidos declararam mais de uma vez que lutavam prioritariamente para estancar a expansão soviética, mas a sua parcialidade em favor de Israel e do regime racista da África do Sul, do mesmo modo que o seu apoio a estes dois países, colocaram-nos não apenas contra os povos dos países árabes e africanos e de outros países do Terceiro Mundo, mas tornaram ainda a situação mais instável nessas regiões, originando assim ocasiões e pretextos à União Soviética para aí empreender a infiltração e a expansão. A Europa Ocidental pode desempenhar um papel positivo nestes pontos quentes. Adoptando, por exemplo, uma política razoável que consista em respeitar as aspirações e os direitos legítimos dos povos dessas regiões, poderá favorecer a sua estabilização e dar assim o seu contributo para a manutenção da paz mundial e a preservação da sua própria segurança.

A China e a Europa Ocidental, separados por uma grande distância, estão sujeitas às mesmas ameaças. As crises verificadas no mundo confirmam a nossa profunda convicção: os interesses dos povos da China e da Europa Ocidental estão intimamente ligados. O hegemonismo desenvolve grandes esforços para pôr em prática a sua estratégia de descida para o Sul; procura agir de modo que as suas disposições estratégicas na Europa se liguem com a que desenvolve na Ásia e no Pacífico, na vã esperança de estabelecer uma linha de cerco em forma de arco do Pacífico ao Atlântico,

passando pelo Oceano Índico. Se fosse bem sucedido, a pressão sobre a Europa Ocidental, a Ásia e o Pacífico seria ainda mais forte. Esses países devem reforçar a sua unidade para transtornar as disposições estratégicas do hegemonismo. No combate contra o hegemonismo, a Europa Ocidental e a China complementam-se e desempenham um grande papel. É um facto conhecido que a China e a Europa Ocidental, respectivamente na frente leste e na frente oeste, retêm importantes forças militares do hegemonismo, o que o dissuade de agir de ânimo leve. Justifica-se plenamente que se afirme que uma Europa unida e poderosa e uma China próspera e forte constituem um factor importante para a salvaguarda da paz e da estabilidade mundiais.

Os povos da Europa bem como toda a humanidade aspiram ardentemente à paz e à segurança, mas estas são muito frágeis e encontram-se constantemente ameaçadas. Tenho a certeza de que se os países e os povos amantes da paz se unirem na luta contra o hegemonismo, a paz mundial poderá ser preservada e a segurança europeia poderá ser garantida.